

# ANÁLISE SEMIÓTICA DOS DISCURSOS DE SOJOURNER TRUTH

Lucas Jones<sup>1</sup>, Hanna Simões<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFMG/Letras, lucasjdf@hotmail.com

<sup>2</sup>UFMG/Ciências Sociais, hannasimoes@hotmail.com

**Resumo:** Nesse trabalho analisaremos os discursos "Ain't I a woman?", "What time of night it is" e "Keeping the thing going while things are stirring" de Sojourner Truth (afro-americana analfabeta, escravizada no século XIX, que defendia a abolição e os direitos das mulheres). Através da semiótica pretendemos investigar os temas propostos nos textos nos níveis discursivos e narrativos. Isto é, as questões raciais e de gênero presentes nos três textos sendo desenvolvidas de formas distintas. Utilizando do percurso gerativo e pautando nos discursos tentaremos dialogar um mesmo nível fundamental (Valioso vs. Infímo [branquitude/negritude] e [masculino/feminino]) em diferentes narrativas, pautando intersecções e discrepâncias de discurso. Visaremos abordar as imagens e representações simbólicas, como forma de ilustrar e exemplificar os temas e figuras discursivas presentes nos três textos. Dessa forma, poderemos discutir e comparar os níveis discursivos de forma mais plena.

**Palavras-chave:** Semiótica, Literatura, Sojourner Truth, Feminismo

## 1. Introdução:

Os três discursos a serem analisados foram proferidos por Sojourner Truth, uma mulher que se destacou na luta pelos direitos femininos e pela abolição da escravatura no século XIX nos Estados Unidos. Analfabeta durante toda sua vida, Truth ganhou notoriedade através dos relatos e discursos transcritos e publicados por outras pessoas em jornais e cartas, além de sua narrativa ditada por ela para Olive Gilbert. Os discursos a serem analisados aqui foram transcritos de reuniões públicas a favor dos direitos femininos e publicados em jornais como *The Anti-Slavery Bugle*. A primeira questão que surge é a respeito da veracidade dos relatos e da confiabilidade que se pode ter nos mesmos, levando em consideração as limitações dos métodos de registro da época, e também a impossibilidade de registrar imparcialmente tais discursos, uma vez que ao serem transcritos eles não apenas passam a carregar traços do escritor, como também

Figura 1 - Sojourner Truth



Fonte: [Library of Congress](https://www.loc.gov/rr/education/sojournertruth.html)



eram adaptados para enaltecer as causas defendidas. De qualquer forma, esses traços são relevantes também para nossa análise.

A partir disso, pretende-se investigar os temas propostos nos textos por meio da semiótica, bem como as imagens impressas historicamente pelo contexto sócio-político de Sojourner Truth e representações simbólicas femininas e negras que se pautavam na luta por emancipação e conquista de direitos, nos escritos literários e discursivos do texto, relacionando-as à análise do plano do conteúdo pelo percurso gerativo de sentido.

Esse trabalho se justifica pela relevância na reflexão das estratégias dos discursos a fim de persuadir os ouvintes e posteriormente os leitores a defenderem e compreenderem as causas abolicionistas e femininas. Tais estratégias buscam impactar o leitor numa nova perspectiva de vida, o que torna o estudo da semiótica na literatura nos níveis semióticos relevante para que possamos observar como esses processos ocorrem.

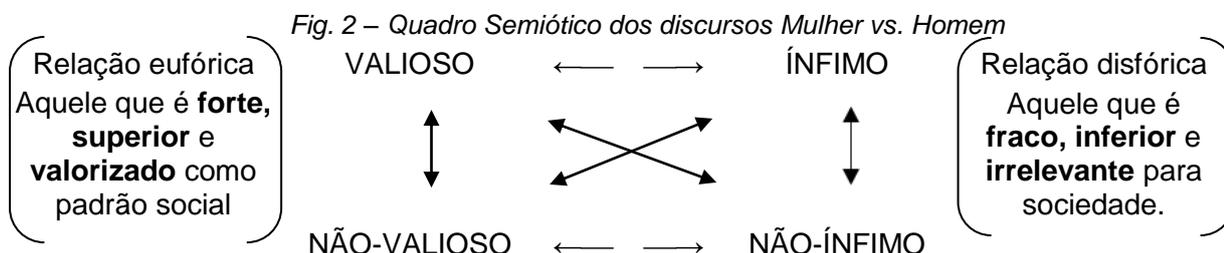
## 2. Dos Fatos

Considerando o que José Luiz Fiorin fala que “o texto é um objeto, ao mesmo tempo, lingüístico e histórico” (FIORIN, 1995), veremos através desta análise como essa autora singular recorreu a mudanças das relações disfóricas e eufóricas nas construções dos argumentos dos seus discursos.

Os discursos de Truth trazem em si a invisibilidade feminina, em especial para as mulheres negras como ela. Ao apontar para tal característica, ela argumenta não só que a mulher é relevante e atuante na vida política-econômica nas relações das mesmas com a sociedade, mas também que ela é corajosa e forte o suficiente para lutar suas batalhas – e, portanto, sem ela a sociedade se tornaria disfuncional. Com essas considerações para iniciar a análise do nível fundamental, pensando os textos de Diana Barros (2005) e Fiorin (1995), observamos que guardando os valores contrastantes - *branco vs. negros* - *homens vs. mulheres* – está a relação entre *infímo vs. valioso*, que se apresenta na força do superior em detrimento do que é



fraco – e, portanto, infimo perante a sociedade (exemplificado pelas dicotomias ditas acima em “mulheres” e “negros” - mais especificamente, “negras”).



Eis as operações da sintaxe do nível fundamental:

1. Afirmação de B: A mulher (negra) é inferior e não possui valor.
2. Negação de B: A mulher (negra) não é inferior, mas por não lhe atribuírem valor ela é vista assim.
3. Afirmação de A: A mulher (negra) não só tem valor como é superior.

Ainda no nível fundamental, Fiorin (1995) traz o conceito de termo complexo e neutro, sendo que o primeiro se apresenta quando há relação entre a+b e o segundo quando houver união entre não-a com não-b. O autor, ao exemplificar através do mito, caracteriza os mecanismos de estruturação do sentido através da união dos contrários: “No âmbito da mitologia cristã, Cristo junta divindade e a humanidade; os anjos englobam a não humanidade e a não divindade; a Virgem Maria articula a maternidade e a virgindade” (FIORIN, 1995). Com isso é possível pensar que Sojourner Truth brinca em seus discursos – principalmente “*Ain’t I a woman?*” - com a ideia da não-mulher e da não-valioso. Pois ao expressar o famoso questionamento “E eu não sou uma mulher?”<sup>1</sup>, fica implícito o conceito de mulher para a sociedade americana do século XIX:

Em um tempo em que a maioria dos americanos pensava nos escravos como homens e nas mulheres como brancas, Truth incorpora um fato que ainda deve ser repetido: dentre os negros existem mulheres, e dentre as mulheres existem as negras. (PAINTER, 1997)

Através de perguntas retóricas, Truth estimula e expõe às pessoas contrárias às

<sup>1</sup> Painter (1997) em seu livro “Sojourner Truth : a life, a symbol” traz a perspectiva de que Truth não foi a autora de tal frase, que teria sido criada por Francis Gage (transcritora do discurso doze anos após sua enunciação).



suas ideias como as relações fundamentais dos discursos podem ser eufóricas. É interessante pensar também que ela não só expõe a importância e os valores das mulheres de que fala, mas também em si mesma, pois em seus discursos há referências aos seus traços físicos e também às suas experiências de vida. A autora ressignifica a visão da mulher presente na bíblia em dois desses três discursos, nos quais ela cita diretamente Maria, Eva e Ester. Observando o trecho referente à Maria:

“Aquele homenzinho de preto ali, ele diz que as mulheres não podem ter os mesmos direitos que os homens porque Cristo não era uma mulher. E de onde veio seu Cristo? De onde veio seu Cristo? De Deus e uma mulher. O homem não teve nada a ver com isso” (TRUTH, “*Ain’t I a woman?*”, 1994)

No nível narrativo vemos que para o “homenzinho de preto” a relação entre mulheres (sujeito) e seus direitos (objeto) estava em disjunção, pois Cristo não era uma mulher. Porém Truth transforma esse argumento e mostra que no surgimento de Jesus não houve interferência masculina, apenas de Deus (que não é tido como do gênero masculino) e uma mulher, o que comprovaria que as mulheres devem sim ter os mesmos direitos que os homens, pois foi uma mulher que junto a Deus concebeu Cristo.

Tendo em vista agora a sequência canônica da narrativa de Fiorin (1995), podemos explorar o trecho sobre Eva a partir dessa perspectiva:

“Se a primeira mulher que Deus criou foi forte o suficiente para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, todas essas juntas são capazes de vira-lo novamente e colocá-lo no lado certo de novo, e elas estão pedindo para fazer isso, é melhor os homens as deixarem” (TRUTH, “*Ain’t I a woman?*”, 1994)

Considerando Fiorin, no trecho observamos as fases da mudança. A manipulação está na provocação ao apresentar Eva como uma mulher “forte o suficiente” para mudar o mundo, essa provocação se ressalta ao pensar que “*Ain’t I a woman?*” foi proferido por uma negra para uma audiência branca e heterogênea. A fase da competência também se evidencia a partir da exposição da força de uma só mulher a ser o agente causador de tamanha reviravolta. Truth dá às mulheres a força da ação, que será exposta especificamente na terceira fase, em que a performance da mudança social se torna possível com a união de todas as mulheres: “todas essas juntas são capazes de vira-lo novamente e colocá-lo no lado certo de novo”



(TRUTH, “*Ain’t I a woman?*”, 1994). A sanção, quarta e última fase, dessa narrativa seria cognitiva, pois mostra – na última frase – em um tom suave de ameaça, que é melhor os homens deixarem que as mulheres se unam e coloquem o mundo do lado certo novamente, o que deixa aberta a percepção do reconhecimento de seu valor, força e relevância para serem sujeitas da própria mudança.

A partir disso os discursos se apresentam dentro das estruturas figurativas do nível discursivo, pois utilizam representações para tratar da questão feminina e negra na sociedade americana do século XIX. Nesse aspecto existe conjunção em relação a negritude e a feminilidade e emancipação feminina, pois essas questões se mesclam quando temos o agente discursivo da mulher negra na sociedade. Contudo tais discursos se tornam conflitantes com a realidade em que a mulher negra está inserida, visto que o discurso dominante e padrão é da superioridade branca e masculina: “Acho que sou a única mulher de cor que fala sobre os direitos das mulheres coloridas” (TRUTH, “*Keeping the thing going while things are stirring*”, 1994). Nas questões práticas, Truth clama nos discursos não só a emancipação das mulheres em relação aos homens, ou a autonomia do negro em relação ao branco, e sim a conquista de direitos de todas as mulheres - mesmo que esse clamor seja divergente quando falamos que nem todas as mulheres são negras e nem todos os negros são mulheres.

Existem questões concernentes ao feminino em que a mulher branca vai ser colocada em oposição à mulher negra – por questões das vivências e do papel da raça na sociedade – como também existem questões que o espectro racial não consegue abraçar porque o homem negro tem determinados distinções em relação às mulheres negras, que é um ponto de especificidade dos discursos da negritude e das mulheres:

“Há uma grande agitação sobre homens de cor recebendo os seus direitos, mas nem uma palavra sobre as mulheres de cor; e se os homens de cor obtiverem seus direitos, e não as mulheres de cor deles, você verá que os homens de cor serão mestres sobre as mulheres, e será tão ruim quanto antes”. (TRUTH, “*Keeping the thing going while things are stirring*”, 1994)

Com isso em mente, o discurso se transforma no discurso feminista negro. O que Truth aponta em seus discursos diz tanto da força da mulher por si, mas vai além e



expõe a força da mulher negra, que foi escravizada e mesmo após a abolição da escravidão ainda não se enxerga livre. Truth aponta que todas as mulheres precisam dos seus direitos, mas as mulheres negras ainda veem as restrições sociais de forma dolorosa e constante.

### 3. Conclusão

Através dos percursos narrativos de todos os trechos é possível ver que a performance feminina sempre é concretizada de forma a exaltar o feminino e a negra, e levar à sanção (reconhecimento/valorização) da necessidade da igualdade de gênero e de raça. O nível fundamental do *ínfimo vs. valioso* realizado no nível discursivo se destrincha em duas dicotomias *mulher vs. homem* e *negro vs. branco*. Portanto, este estudo se torna relevante porque até hoje temos esses embates na nossa sociedade no discurso feminista negro que continua a busca pela visibilidade e direitos, tornando Sojourner Truth muito atual e relevante para essa luta atual.

### Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa De. *Teoria Semótica do Discurso*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Organon*, v. 9, n. 23, p. 165–176, 1995.
- PAINTER, Nell Irvin. *Sojourner Truth: A Life, a Symbol*. New York, NY: Norton Paperback, 1997.
- TRUTH, SOJOURNER. *Ain't I a woman?* In: SCHNEIR, Miriam. *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/aintwomantruth.html>
- TRUTH, SOJOURNER. *What time of night it is*. In: SCHNEIR, Miriam. *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/sojournertruthtimeofnight.html>
- TRUTH, SOJOURNER. *Keeping the thing going while things are stirring*. In: SCHNEIR, Miriam. *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/sojournertruthstirring.html>
- TRUTH, Sojourner. *The Narrative of Sojourner Truth*, ed. Olive Gilbert. New York: Arrow. 1850.